

Usuários, pacientes, comerciantes e jardineiros: disputas pelo acesso às flores de maconha em Sergipe e no Rio de Janeiro¹

Gabriel Seixas Silva - UFF/RJ

Resumo:

O referido texto é parte do andamento de pesquisa que venho realizando no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, através de discussões proporcionadas pelo grupo de pesquisa Psicoativos e Cultura (Psicocult/UFF) desde o ano de 2023, sobre as práticas de cultivo e de acesso à maconha no Brasil, em específico com interações com interlocutores dos estados do Rio de Janeiro e Sergipe, registrando as práticas de cultivo, de ativismo e de disputas pelo acesso à planta por aqueles que cultivam suas próprias plantas. Apresento neste texto parte dos achados da pesquisa etnográfica como contribuição inicial ao campo de estudo. Foram feitas entrevistas com interlocutores que narram suas histórias, que compartilharam o início e o aperfeiçoamento do saber técnico de cultivo e que contam diversas disputas envolvendo a comercialização dos produtos no mercado legal e ilegal da maconha. O trabalho toma como base este campo, bem como minha experiência pessoal de tornar-me um "paciente medicinal" de maconha no Brasil e os procedimentos burocráticos de acesso efetivo ao produto, custos e início do tratamento médico. Ao fim descrevo como os cultivadores que conversei trazem indagações sobre políticas de reparação no cenário de discussões de regulamentação do cultivo no país; formas de organização e demandas da categoria de cultivadores no mercado legal e ilegal (cooperativas, associações, clubes ou outro); a desigualdade no acesso à maconha (legal ou ilegal); entre outras questões que atravessam a política de drogas nacional articulada enquanto um guerra ("às drogas") e marcada por fenômenos sociais como encarceramento em massa, o racismo, a corrupção e a desigualdade estrutural.

palavras-chave: maconha, política de drogas, justiça criminal.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

Introdução

Uma das primeiras lembranças que tenho sobre discussões envolvendo política de drogas foi dentro da minha família, escutando frases prontas e expressões como: “já está no nome: ‘má - conha’, se fizesse bem se chamaria ‘boa-conha’”; “fulano perdeu o filho para o mundo, vendeu os móveis de casa para comprar de drogas”; “maconha é a porta de entrada para as outras drogas”; “meu filho, quem se envolve com droga só tem dois caminhos: a cadeia ou o caixão”.

Durante o período que cursei o ensino fundamental, essas e outras frases foram endossadas em algum projeto escolar que o objetivo era elaborar cartazes com fotos de pessoas consideradas “viciadas”, “dependentes químicos” antes e depois do início do consumo de “drogas”, cartazes esses que seriam espalhados pela escola para “conscientizar” os demais estudantes sobre o uso de substâncias à exemplo do crack, cocaína, maconha, tabaco, álcool, entre outros. As imagens escolhidas pelos colegas mostravam pessoas com escoriações e feridas no rosto, peles envelhecidas, fisionomias alteradas com o estigma de uma pessoa usuária de substâncias e representou a minha percepção sobre os “usuários de substâncias” durante parte considerável da minha infância e adolescência, em uma cidade do interior do estado de Sergipe.

Alguns anos depois, ao assistir uma reportagem do Globo Repórter falando sobre o uso terapêutico da maconha, apresentando o caso de uma criança com síndromes epiléticas graves que cessavam instantaneamente a partir do consumo do canabidiol (CBD), coloquei em questão todas as percepções anteriormente firmadas na escola. A reportagem apresentava o dramático caso dos pais de uma criança e do difícil processo para realizar a importação do medicamento derivado da maconha, que já se encontrava disponível em farmácias nos Estados Unidos da América, mas que no Brasil constava na Lista de Substâncias Proibidas até o ano de 2015, quando a Agência Nacional de Vigilância Sanitária reclassificou o CBD como substância controlada em regulamento interno.

A reportagem fez com que eu começasse a observar mais atentamente sobre as discussões envolvendo a planta da maconha, não somente porque muitas pessoas à minha volta já realizavam o uso fumado, escondido, evitando ao máximo à “explanação”, ou chamado de uso “recreativo”, “adulto”, “social”. Mas também, em como essa mesma substância (*Cannabis Sativa L.*) passava a se tornar disputada para tratamentos de saúde e de como esse fato impactou diretamente o discurso moralista de

ênfase na proibição e repressão às drogas, que ainda hoje vigora em uma cidade do interior de Sergipe.

Nasci e me criei na cidade de Lagarto, terceira cidade mais antiga e localizada na região centro-sul do estado, zona climática predominantemente agreste e uma população estimada de 104.408 habitantes. O território agrega áreas urbanas e rurais, abrangendo mais de 140 povoados (distritos rurais). Sempre morei na mesma casa, localizada na área urbana, no bairro chamado Sílvio Romero. Estudei durante meu ensino básico-fundamental em uma escola de freiras localizada próximo à casa dos meus avós no centro da cidade, que se localiza algumas ruas da praça da igreja matriz, cujo entorno conta com a sede da prefeitura municipal, da câmara de vereadores, e quatro das cinco agências bancárias da cidade. Desde criança percorri o centro e bairros vizinhos e trabalhei nas ruas do comércio da cidade fazendo pagamentos de boletos para lojistas, e auxiliando familiares que trabalhavam no comércio de veículos (carros e motos) em feiras da região.

Desde o colégio de freiras do ensino infantil, até o final do meu ensino fundamental, estudei em escolas que antes do início do dia letivo reuniam os estudantes no pátio da escola para oração. Ou seja, uma cidade com muitos conservadorismos e moralidades vinculadas a uma tradição religiosa bem marcante, e aspectos políticos herdados e reformulados a partir de um movimento coronelista de algumas famílias/grupos oligárquicos que gerenciam o controle da região e vivem em uma forte disputa político-partidária em “pé de guerra”².

Iniciei a graduação em Direito na Universidade Federal de Sergipe em 2017, na cidade de São Cristóvão/SE, região metropolitana da capital Aracaju/SE, cidade que morei durante 3 anos da graduação, que fica a pouco mais de 70 quilômetros de Lagarto. Apesar do comércio movimentado e de festas populares tradicionais, como a silibrina, quermesses e a vaquejada, Lagarto possui um clima pacato, diferentemente do ritmo de cidades maiores como o Rio de Janeiro e Niterói.

Em 2022, na escrita de trabalho de conclusão de curso, comecei a pesquisar sobre o acesso à maconha medicinal no Brasil, em específico sobre as disputas judiciais e legislativas envolvendo a temática, analisando o texto base do Projeto de Lei nº 399/2015, os votos ministeriais, até então proferidos, do Supremo Tribunal Federal em Recurso Extraordinário (RE) nº 635.659, e descrevendo as disputas no Judiciário pelo acesso ao uso terapêutico da planta, seja através das ações cíveis demandando a

² Referência ao livro “Uma cidade em pé de guerra: saramandaia x bole-bole”. (SANTOS, 2008)

autorização para produção e fornecimento de extratos por associações de pacientes, ou através do Habeas Corpus preventivo para o autocultivo da planta.

Uma das formas utilizadas na pesquisa de trabalho de conclusão de curso para acompanhar os debates, atores e discussões tratadas no cenário das políticas públicas sobre maconha no Brasil foram as redes sociais, através da observação de grupos de várias regiões do país, acompanhando perfis públicos de “influenciadores canábicos”³, redes de “ativistas antiproibicionistas”, associações de pacientes, perfis privados de jardineiros, cultivadores ou *growers*, bem como de comerciantes do ramo.

No início de 2023 conheci o Núcleo de Pesquisa em Psicoativos e Cultura - PsicoCult, coordenado pelo professor Dr. Frederico Policarpo, e iniciei a participação nas reuniões acompanhando os debates, textos e pesquisas sobre as práticas de uso, produção, circulação e de controle que cercam as substâncias psicoativas e seus atores. A partir desse contato, fui informado sobre o processo seletivo para ingresso no mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito, da Universidade Federal Fluminense, o qual fui aprovado, dando início a uma grande mudança na minha vida, não somente no âmbito profissional-acadêmico, como também nas diferenças de perspectivas a partir da mudança de estado e de região do país.

O projeto inicial foi elaborado com o objetivo de analisar possibilidades de políticas públicas de reparação racial à população negra brasileira durante o processo de discussão sobre a legalização da maconha no Brasil, dando enfoque aos casos de uso recreativo/social (não-medicinal), do comércio ilegal da planta e as possíveis implicações judiciais de seus usuários e comerciantes em processos criminais em tramitação (presos preventivos ou respondendo em liberdade).

Entretanto, a partir da minha mudança para Niterói, do início da pesquisa de campo no Rio de Janeiro, da participação nas disciplinas do programa de pós-graduação e do contato com diversas pessoas que trabalham, estudam, militam e/ou são impactadas pela pauta da maconha e da política pública de drogas, a pesquisa foi tomando uma nova formatação.

Após quatro meses residindo em Niterói, em contatos estabelecidos na universidade e em atuação profissional passada, fui convidado para trabalhar em escritório de advocacia com atuação específica em políticas sobre drogas, em ações

³ Pessoas que atuam como influenciadores digitais (digital influencer) responsável por criar/publicar conteúdos de entretenimento, informativos, jornalísticos ou publicidade relacionados a maconha. Esses profissionais possuem uma base de 'seguidores' que acompanham e consomem o material produzido.

criminais envolvendo acusações de tráfico de drogas, como também na elaboração e acompanhamento de Habeas Corpus preventivos para o autocultivo de maconha terapêutica por pacientes e associações.

Através do trabalho como advogado e da pesquisa de campo que já vinha realizando no Rio de Janeiro, além da rede de interlocutores cultivadores que havia feito em Sergipe através da pesquisa de conclusão de curso em 2022, comecei a fazer pesquisa com cultivadores da planta nos respectivos estados, realizando entrevistas onde tive acesso a conversas que falavam sobre as práticas locais de cultivo, as implicações jurídicas da proibição, as redes e rodas de trocas de informações, além de tratar sobre as pretensões futuras enquanto cultivadores de maconha em um possível cenário de legalização da maconha no país.

Assim, o trabalho de campo envolveu o acompanhamento de rodas de conversas, simpósios e palestras com usuários terapêuticos e pessoas que realizam uso social, contando também com profissionais de saúde, operadores do direito, pesquisadores, entre outras áreas que estudam a maconha.

Durante a pesquisa consegui participar das redes de pessoas que organizam a Marcha da Maconha da cidade do Rio de Janeiro, de Niterói e de São Paulo, frequentando os eventos nos anos de 2023 e 2024, além de comparecer aos espaços de socialização de seus participantes, como bares, reuniões de organização e as interações sociais entre essas figuras em eventos que tratassem sobre política de drogas.

Como forma de preservar a identidade de todos os interlocutores que tive contato das consequências jurídicas e julgamentos moralistas envolvendo as discussões sobre drogas no nosso Brasil, a identificação das pessoas ouvidas para essa pesquisa foi alterada, a exemplo dos nomes e dos locais dos acontecimentos, mantendo as categorias nativas utilizadas por meus interlocutores.

Ao longo da pesquisa, fui estabelecendo interlocuções com diversos perfis de cultivadores, de realidades e territórios distintos, e que entendem de forma diferente a forma de fornecimento e acesso às plantas, entre eles estão cultivadores-pacientes que possuem autorização da justiça, através de Habeas Corpus criminal⁴ preventivo, e produzem seu próprio remédio, vedada qualquer forma de distribuição (autocultivo); cultivadores que plantam para fins sociais/adultos que não possuem autorização judicial

⁴ O Habeas Corpus é um instrumento processual do direito, considerado um "remédio constitucional", que objetiva garantir a liberdade de qualquer pessoa, quando esta encontrar-se presa ilegalmente ou estiver em com sua liberdade ameaçada ou em iminente risco. Sobre Habeas Corpus para cultivo de maconha (FIGUEIREDO, 2021)

e também não comercializam sua produção; e cultivadores que comercializam sua produção.

A sistematização foi utilizada apenas para nortear as discussões futuras e não almejo representar qualquer generalização para a categoria cultivador/grower/jardineiro, que é marcada por indivíduos com perfis, contextos e culturas diferentes, mesmo todos residindo no mesmo país.

A metodologia de pesquisa escolhida para nortear esse trabalho foi a etnografia, através da realização de trabalho de campo guiada por métodos que envolvem a observação participante, entrevistas semiestruturadas e levantamento bibliográfico. Utilizei também o acesso a aplicativos de mensagens como Telegram, Whatsapp, Instagram e Reddit, para estabelecer comunicação com meus interlocutores, além de chamadas de vídeo, comparecimento em atividades virtuais e presenciais com os atores inseridos nas discussões e disputas envolvendo o cultivo de maconha no Brasil.

Durante a pesquisa consegui realizar 27 interlocuções⁵, abrangendo um público com cultivadores (as) e comerciantes varejistas⁶ de maconha dos estados de Sergipe e do Rio de Janeiro, das quais 12 são cultivadores da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, 6 são cultivadores da região metropolitana da cidade de Aracaju, 6 comerciantes varejistas em Sergipe e 3 comerciantes varejistas do Rio de Janeiro. O contato com os interlocutores desta pesquisa iniciou em 2022 e continuou de forma informal e gradativa, com espaços de formação de vínculo e confiança para o compartilhamento de suas histórias e experiências.

Dessas interlocuções, até o presente momento, consegui realizar 7 entrevistas semiestruturadas, 5 realizadas presencialmente e outras 2 de forma remota através de aplicativo de reunião virtual, com duração média de 2 horas. As transcrições das falas serão utilizadas ao longo desse texto. As conversas foram iniciadas por algumas questões que elaborava: primeiro falava sobre a dinâmica da pesquisa etnográfica que

⁵ As interlocuções que me refiro são as relações de confiança que busco estabelecer com as pessoas que converso e ouço as histórias, e não se limitam aos diálogos tidos somente em entrevistas ditas formais, pois falas muito interessantes surgiram quando eu desligava a gravação. Ou seja, acompanhar essas pessoas e manter um contato regular, mas não necessariamente contínuo-semanal, nem mesmo que tenham que tornar-se amigo (a), mas muitas vezes é inevitável não ser afetado pelo trabalho de campo, tendo em vista os vínculos que são formados. Na pesquisa, suponho que a maioria das minhas interlocuções foi facilitada pela minha participação nos eventos que fui participando, à medida que fui conhecendo as redes que trabalham e/ou estudam sobre a maconha.

⁶ Esses comerciantes realizam não somente a venda de maconha, incluindo outras substâncias, e fazem suas transações na área urbana, todos realizam suas atividades por delivery através de aplicativo de mensagem.

vinha realizando e sobre o sigilo de todos os dados que fossem fornecidos, explicando ainda que o único meio de registro utilizado seria a gravação de voz, utilizada somente para transcrição das falas, e solicitava a autorização verbal para gravação.

Nas entrevistas tentava falar o mínimo possível e perguntava sobre a história de vida deles (as), detalhes como idade e composição familiar/social, e questionava alguns pontos que elaborei anteriormente: Como e por que teve o primeiro contato com a maconha? Como e por que a questão do cultivo surgiu? Qual foi o processo até montar seu primeiro cultivo? Quais os métodos e técnicas preferidos no manejo das plantas? Possui histórico de abordagens, violências policiais, ou algo semelhante? Quem cultiva consegue tirar férias? Quais as expectativas sobre uma possível legalização da maconha no país e a inserção do cultivador no mercado de trabalho?

A proposta desta pesquisa é apresentar as interlocuções com os cultivadores que fui tendo contato ao longo do meu trabalho de campo no Rio de Janeiro e em Sergipe desde o ano de 2022, na tentativa de refletir sobre o funcionamento do direito, do proibicionismo, do racismo e das disputas e desigualdades no processo de acesso à maconha no Brasil, em especial ao processo de criminalização dos cultivadores da planta pela atual Lei nº 11.343 de 2006 (Lei de Drogas).

Essas interações foram mediadas a partir das leituras sobre o processo descritivo de observação dos fenômenos sociais, que ajudaram na elaboração dos distintos significados da vida social e de seus detalhes, na tentativa de realizar uma 'descrição densa' (GEERTZ, 2002) a partir dos saberes locais.

Assim como descreve Kant de Lima (2011) a etnografia pode vir a ser utilizada como importante instrumento para "desvendar" as práticas casuísticas e arbitrárias, mas eficazes em sua manutenção e reprodução, do saber-poder jurídico. As particularidades da prática jurídica devem ser esmiuçadas, não deixando nada de lado, conhecendo-se a partir da estranheza do olhar o "outro" a partir de suas lentes. Além do que, quando o trabalho de pesquisa envolve reflexões e questionamentos e exame sistemático do nosso próprio ambiente, do que é familiar, a "realidade" é filtrada conforme o ponto de vista daquele que a observa, mas percebida de maneira diferenciada (VELHO, 1981).

Nesse artigo apresento um recorte da pesquisa em andamento, em específico sobre dois cultivadores de Sergipe e suas percepções sobre o acesso à "maconha medicinal", como também sobre os mercados legal e ilegal da planta. Além disso, descrevo brevemente meu processo individual de tornar-se um "paciente medicinal" de

maconha, apresentando os custos do tratamento e as possibilidades e disputas envolvendo o acesso à maconha no Brasil.

Para pensar sobre os atores e o contexto de realização desta pesquisa, destaco a análise feita sobre os impactos práticos da Lei n. 11.343/2006 na cidade do Rio de Janeiro (GRILLO; POLICARPO; VERISSIMO, 2011), como também pelos estudos sobre a violência e a repressão aos cultivos na região denominada “polígono da maconha” no nordeste brasileiro (FRAGA, 2006) e textos que exploram o sentido de justiça e terapêutica por médicos psiquiatras e juizes de direito sobre a legislação sobre maconha na Bahia e em Pernambuco (BRANDÃO; FRAGA; RODRIGUES, 2024).

Utilizei também publicações sobre os mercados ilegais e circulação das drogas no Rio de Janeiro seja pista (GRILLO, 2008), seja no regime do arbítrio, curtição de vida e morte na favela (SILVA, 2019), ou por meio da necropolítica da “guerra” (MEDEIROS, 2017). Como referências sobre a história da maconha no Brasil busquei referências que realizassem uma correlação com o processo de colonização e escravização, do controle social e do racismo atrelado ao chamado "*fumo de negro*" (SAAD, 2019).

Destaco ainda a reflexão sobre o panorama da história da planta nos chamados “ciclos de atenção” até tornar-se um “problema público”, envolvendo aspectos de ordem econômica, científica, militar, política, recreativa, religiosa e terapêutica (BRANDÃO, 2016, 2017, 2020). Além da necessidade de se ater aos elementos políticos, históricos e as moralidades envolvendo a mudança do status da planta "de veneno à medicamento", paralelo às denominações "de maconha à cannabis" (FRAGA, ROSA, REZENDE, 2023).

1. Nem tudo são flores quando o cultivador se torna paciente: “pra quem é boy já é legalizado”

“Quando eu comecei a fumar maconha, eu tinha o que, uns 12 anos. E eu não tinha prensado, o que chegava para mim era a natural tá ligado? E eu fiquei viajando e falei caralho é tão simples analisar olhe os nomes que a gente dá: prensado, flor e o que? natural. Já diz tudo parceiro, se é natural é da natureza, é uma flor, isso já lhe diz que é uma flor. Então, essas flor que a gente vê hoje em dia nas redes, e os cultivos foda são as que deveriam ser, não deve ser aquela flor natural que a gente encontra e acessa aqui, que chega seca, com semente, verde ainda, nem deve ser aquela flor prensada que também a gente acessa.

A flor correta e a que deve ser é a que a gente vê, aquele negócio resinado, cheiroso, cheio de terpeno, realmente cheio de medicina, tá

ligado? é que a gente tem acesso a uma flor de baixíssima qualidade, você não sabe na maioria das vezes nem o que é. Tem sua parte medicinal? tem, porque a gente tá fumando um prensado agora e sabe que tá sendo medicinal tá ligado? Tava falando pra Fulana esses dias, quantas pessoas não deixaram de se matar porque teve acesso a um prensado, porque tava naquela ansiedade, naquela tara de fazer uma coisa ruim consigo mesmo, aí um amigo ali botou um baseado na roda e ele foi pra casa e, ao invés dele ir fazer coisa errada, ele dormiu, tem dessas... tem dessas... agora vou parar de chamar de prensado e chamar de flor prensada (risos)”

A chamada “flor” da maconha começou a ser um importante foco da minha pesquisa. Enquanto escrevia falhei muitas vezes em tentar conceituar o que seria “flor”, tentando não me limitar à conceituação botânica, de forma que ao conversar com interlocutores jardineiros fui informado que em verdade “tudo são flores né?”, “o prensado não deixa de ser uma flor, porém uma flor que não foi tratada da maneira que merece ser tratada, não teve um processo mais minucioso de corte, de secagem, de cura, de cuidado tá ligado?”, me falou Bob, figura central nas minhas reflexões e um dos cultivadores interlocutores em Sergipe.

Abaixo seguem algumas fotos retiradas durante o processo de pesquisa, que podem auxiliar na diferenciação das variedades citadas .

Imagem 1 - maconha “solta”, “natural” ou “soltinho”



Fonte: elaboração própria, 2023.

Imagem 2 - Prensado



Fonte: elaboração própria, 2023.

Fonte: elaboração própria, 2023.

Imagem 3 - “Flor”; “bud”, “camarão”



Bob realiza o cultivo doméstico de maconha há mais de 7 anos, tendo começado a cultivar “usando a semente do prensadinho que comprou na boca”, “porque tinha fumado uma flor uma vez e ficou impressionado com a lombra⁷ diferenciada”, “nunca que eu ia imaginar que aquilo que era maconha”, começou então a “pesquisar mais sobre as técnicas, tipo de solo, sementes e controle de qualidade da plantinhas” e me contava alegre que “está chegando na fase de conseguir o auto sustento⁸, ter flor o ano todo”.

⁷ Lombra seria o equivalente à “onda”, “a viagem”, resultante do processo de inalação ou ingestão de derivados da maconha. Ou seja, a palavra está relacionada aos efeitos proporcionados pelo consumo das substâncias psicoativas. Ver mais em “Uso de drogas: a alteração como evento” do antropólogo Eduardo Viana Vargas (2006).

⁸ “Auto sustento” segundo as anotações que fiz em diálogo com os interlocutores seria a prática de realizar diversos “ciclos” no cultivo da planta da maconha, com a finalidade de “colher flores o ano todo”. Bob me contava isso enquanto “aparava” as folhas da planta, depois do processo de secagem, deixando exposto somente à “flor”. Paralelo a este cenário, a cena *grower* também é marcada pela ostentação, opulência e competitividade entre seus atores, assim como descrito por Veríssimo (2017) nas copas canábicas.

Conheci Bob no final do ano de 2022 a partir de um “salve”⁹ de um amigo e continuei o processo de pesquisa realizando diversas visitas à seu “*grow*”¹⁰, conversas informais com muitos questionamentos meus sobre as práticas de cultivo, além de conversas por aplicativo de mensagens, onde recebia fotos das fases de evolução de suas plantas, ou como ele se referia: “suas meninas”, “filhas”, “plantinhas”. O envio das fotos eram sempre acompanhados de um áudio ou uma fala com um tom de orgulho, de afeto. “Acorda vai ver as plantas, vai dormir vai ver as plantas, chega em casa vai ver as plantas, (...)” nesse trecho Bob cita uma fala de sua companheira em uma conversa de casal anterior, referindo-se a “ciúmes que ela tem pelos cuidados que eu tenho com minha planta”.

Em uma das conversas, Bob me informou que tinha realizado consulta médica pois queria se tornar um “paciente medicinal” de maconha. Contou que a partir de uma postagem no Instagram anunciando “consulta com prescritor de cannabis medicinal com valor social”, entrou em contato com a plataforma que realizava a intermediação entre o paciente e o profissional prescritor.

“mandei mensagem no Instagram, aí eles me perguntaram com que médico eu queria me consultar, aí mandaram uma lista lá dos profissionais com psiquiatra, médico da família, clínico, aí escolhi uma médica que já tinha visto nas redes, fiz a consulta e pá, mas você já chega sabendo que você vai conseguir tá ligado? e é isso né véi, porque quem tá fazendo esse movimento não é quem tem que tá a frente, quem tá a frente da legalização de forma medicinal, farmacêutica é os boy, pra quem é boy já é legalizado, não é nós que tá necessitando, nós que tá na linha de frente, porque se fosse nós que tivesse na linha de frente não estaria chegando essas flor seca velha que os cara mandam de lá da gringa pra cá.”

Bob contou ainda que realizou o pagamento de R\$250,00 (duzentos e cinquenta reais) para efetuar o agendamento de sua consulta virtual e que no dia de atendimento tiveram algumas falhas de conexão por conta da internet, mas que tinha sido tudo bem, falou de seu quadro clínico e disse que ficou no aguardo das documentações para tentar conseguir adquirir seu remédio.

Ao receber sua prescrição médica e fazer o orçamento dos produtos indicados pelo profissional, Bob me mandou mensagem revoltado com os valores dos remédios indicados

⁹ “Salve” é a prática de ajudar uma pessoa conhecida, que se tenha um vínculo relacional, em conseguir acesso à maconha, não necessariamente como prática de aquisição pela via comercial, mas de ajuda mútua de fornecimento de pequena quantidade para a pessoa não ficar sem fumar até conseguir fazer um “corre”, “missão”. “você me salva hoje, que eu te salvo amanhã”.

¹⁰ “*grow*” é a referência utilizada pelos meus interlocutores para se referir ao espaço destinado ao cultivo de suas plantas de maconha

pela sua médica: “ o que mais me incomodou foi o preço de frete fixo em 200 pilas, as flores não eram tão caras não, mas o óleo estava girando em 700 e pouco. Era tudo caro, mas o que pesou mais foi o frete.”

“Se você for parar pra analisar o que tá acontecendo aqui no Brasil é massa, acontecendo aí maior acesso às flores e outras coisas de fora, mudando de alguma forma a percepção da sociedade e tal, mas quem é que tá sendo beneficiado com isso, da forma que está, tá ligado?”

Porque o ponto principal eu acho de uma legalização futura que vai ocorrer aqui no Brasil é isso, quem será beneficiado? Adianta porra nenhuma legalizar, conseguir a legalização e quem tiver condição de comprar sua medicina for só os boy, porque se for isso, isso já acontece total, já é a real. Se você tem condição você não fuma prensado, você fuma flor, flor boa, e é foda falar isso (risos), porque no final tudo é flor né. Mas digamos que você fuma uma flor de melhor qualidade, tá ligado?

Um exemplo que eu sempre dou quando falo de maconha é queijo, tá ligado parceiro? quando eu era criança só existiam dois tipo de queijo: queijo mussarela e queijo coalho. Não sabia que existia uma variedade enorme de queijo, isso eu vim perceber poucos anos atrás tá ligado? e por que? Porque nem essa informação, nem mesmo o produto chegavam até mim. Pra você ver, quando sua mãe mandava você comprar queijo no mercado ela falava que tipo de queijo era? (risos). E a maconha é a mesma coisa, vários tipos, genéticas, e quem tem condição já tá legalizado de certa maneira consumir sua medicina ali, que ele sabe o que tá consumindo de forma legalizada.”

Na conversa acima, Bob me fala sobre os tipos de maconha que teve contato desde a época que começou a fumar maconha, entre os anos de 2007 e 2008, e um dos fatores que destaca é que naquele tempo, cerca de 17 anos atrás, não tinha no estado de Sergipe a maconha do tipo prensada. A única forma que geralmente se tinha acesso era a “natural”, a “soltinha”, que é a flor da planta maconha, com a presença de alguns galhos e sementes.

A maconha “solta” ou “natural” descrita por Bob é produzida na região nordeste, e segundo minhas suspeitas sua produção se concentraria na região do Vale do São Francisco, nordeste brasileiro, na região conhecida por “polígono da maconha”, objeto de pesquisas importantes como a do sociólogo Paulo Fraga (2006). A primeira maconha que eu fumei na vida, há 9 anos atrás, também era uma “solta”.

Em Sergipe, a maconha “natural” possui características variáveis, normalmente superior a da maconha prensada, por apresentar um aroma mais suave e um sabor característico “com gosto de verde”, mas a qualidade também não chega a ser a maconha

daqueles que referenciam a saudosa “manga rosa”¹¹. A maconha solta é uma maconha mediana, com um preço médio de mercado entre R\$80,00/R\$90,00 a aquisição de 25 gramas, sem a presença de fungos e sem o cheiro de amônia do prensado.

Em uma das longas conversas na casa de Bob, enquanto realizava uma das visitas para entrevistá-lo, observava-o utilizar seu “kit”, composto por uma tesoura, papel de seda e começa a “dichavar” (triturar) uma de suas flores em uma cuia de silicone, logo depois inicia o processo de “bolar”, “enrolar”, “fechar” seu baseado.

Com um pequeno sorriso de canto de boca, Bob me indaga “como pode né meu brother tanta gente morrendo nesse momento por isso aqui que a gente tá fumando?”, me perguntou com tom de brincadeira “E aí? se eu colocar essa soltinha ou esse prensado aqui nesses potes de maconha medicinal, a planta se legaliza?”. Não soube responder.

Continuamos conversando e então começou a falar sobre os cuidados diários, “acordar na mesma hora que as plantas acordam, ou deixar elas dormindo enquanto estou acordado” e o cansaço que estava tendo por conta do último ciclo de cultivo e com a vida, falou que estava se sentindo muito demandando tendo que dividir sua atenção, cuidado e afeto para seu casamento, seu filho e suas plantas.

“Esse vai ser meu último cultivo do ano e vou deixar tudo parado por enquanto, minha esposa vai tirar férias neste início de ano e estou devendo uma viagem, nesses últimos anos não viajamos porque estava sempre no meio de um ciclo e não tinha quem cuidasse das plantas” me dizia Bob.

E então Bob me faz outra pergunta que também me deixa curioso: “Mas e aí Gabriel, o que quero saber mesmo é quando o cultivador tira férias?”.

Quando o cultivador descansa? Comecei a questionar outros interlocutores jardineiros e as respostas variam: “não tira, se eu tiro férias eu fico sem fumar ou tenho que gastar uma grana do caralho pra fumar o que tiver disponível no mercado, agora mesmo, eu tô sem nada pra fumar e sem nada no *grow*, ou seja, se a gente tira férias a gente fica sem nada o tempo todo. É um ciclo vicioso que você não pode acabar nunca, começar um você já tem que tipo

¹¹ Ao chegar no Rio de Janeiro e contar sobre minha pesquisa sobre maconha, muitas das interações que fui tendo, em específico com pessoas com mais de 35/40 anos, referiam-se à “manga rosa” ou ao “soltinho do nordeste” com um tom de saudosismo na fala.

Segundo a plataforma Kaya Mind, a Manga Rosa, também chamada de “cabeça de nego” e “santa maria”, é conhecida por ser uma genética brasileira, cultivada no nordeste do país em ambiente externo (outdoor), com origem incerta historicamente, com características que remetem a fruta “manga”, e a presença de flores com pistilos rosas, apresentando alto nível de THC, e efeitos como euforia, relaxamento e excitação.

KAYA MIND (2022). Manga Rosa Flor: Explorando as características únicas desta flor. Disponível em: <https://kayamind.com/manga-rosa-flor/>. Acesso em 16 de jan.2024.

começou a flora de um já tem que tá na vega (vegetação) de outro... dentro do ciclo você ainda pode fazer uns clones, que com isso você consegue dar uma maior continuidade, aí você se torna auto sustentável, mas eu ainda não cheguei no auto sustento”, me dizia outra interlocutora, Dezarie, sergipana, jardineira há 2 anos, trabalhadora do comércio durante todo o dia, fuma maconha há 7 anos e conheci no ano 2023 a partir de outro interlocutor.

Eu: Por que você começou a cultivar?

Dezarie: Eu comecei a cultivar porque eu não gosto de fumar prensado (risos), eu gosto de fumar coisa boa. Então o bom se tornava muito caro, entendeu? Porque tipo 5 gramas você encontra por R\$ 300,00 para você fumar uma coisa de qualidade e eu ficava revoltada porque eu não tinha essa grana pra pagar. Mas eu queria qualidade, e hoje eu até entendo que é o valor correto, porque tipo olhe o tempo que passa de quando você coloca a semente na terra até você fumar, o cuidado que é, os gastos que a gente tem, que são inúmeros, minha energia por exemplo triplicou o valor. Nesse calor mesmo, teve momento que eu não tava mais dormindo com o ventilador, mas as plantas estavam dormindo com o ventilador. São gastos que pesam muito, mas sai muito mais barato do que pegar com um comerciante direto. Mas hoje eu super concordo com a comercialização, que o cultivador possa vender, porque a demanda é muito alta e a oferta é muito pouca, oferta com boa qualidade. E também para que a gente possa sair desses trabalhos convencionais, onde você trabalha durante 8 horas vendendo a sua vida alií, e você poder trabalhar com plantas que vão te dar o seu sustento e a sua medicina¹² ao mesmo tempo.

Em uma das conversas, Dezarie me fala sobre como a partir da criação de um perfil em rede social destinada ao cultivo começou a conhecer uma “rede de ajuda” entre os jardineiros: “conheci muitas pessoas que eu nem sei quem são, e elas me deram informações valiosíssimas, planto há pouco tempo, e hoje eu já sei um pouco mais do que eu sabia antes e já posso retribuir isso para outra pessoa que não sabe. Por exemplo, recebo várias mensagens pela (rede social), da galera pedindo ajuda de algo que elas não sabem. É uma união muito grande entre a galera que é jardineira, no sentido de trocar ideia sobre as técnicas, fertilizantes, esse conhecimento todo envolvido.”

2. Quando o usuário se torna paciente.

No livro “O consumo de Drogas e seus Controles: uma perspectiva comparada entre as cidades do Rio de Janeiro, Brasil e San Francisco, EUA”, o antropólogo Frederico

¹² Ao questionar a interlocutora sobre a utilização da palavra “medicina” ao se referir à maconha, ela me respondeu que é associado ao “uso medicinal ancestral” da planta. E ao final da resposta ainda reforçou que “todo uso é medicinal, terapêutico”.

Policarpo (2016) descreve, no segundo capítulo de sua tese, o processo de tornar-se um "cannabis patient" em San Francisco, nos Estados Unidos da América. A partir da leitura comecei a me questionar como seria o processo de tornar-se um "paciente de Cannabis medicinal" no Brasil.

Já possuía diagnóstico anterior de quadros de saúde envolvendo ansiedade e distúrbio do sono e procurei uma associação localizada no estado do Rio de Janeiro para saber o processo para se associar. Aqui chamarei a associação de ABRABA.

Entrei em contato pelo aplicativo "Instagram" encaminhando mensagem explicando meu interesse em me tornar um paciente de cannabis e questionando sobre os caminhos necessários. Recebi um retorno informando que o primeiro passo seria agendar uma consulta com um profissional prescritor de cannabis, de acordo com a especialidade médica demandada. Perguntei se a associação possuía alguma lista de profissionais que trabalhassem com prescrição e me foi encaminhado um arquivo online contendo uma lista com 30 nomes de profissionais prescritos habilitados das especialidades psiquiatria, neuropsiquiatria, pediatria, neurologia, clínica de dor, geriatria, medicina da família, dentista e veterinária, e do contato telefônico de cada um.

Selecionei a especialidade e encaminhei uma mensagem para Frank, médico psiquiatra prescritor de cannabis, pelo aplicativo Whatsapp, explicando minha situação de saúde, como tinha conseguido o contato dele e perguntando sobre o procedimento para agendar um atendimento. Segue transcrição das mensagens de áudio e escritas trocadas:

Eu: Olá Frank, tudo bem? Peguei o seu contato com a associação ABRABA e gostaria de saber como é o procedimento de agendamento de consulta, quais seriam os valores e tudo mais. Fico no aguardo

Frank: Oi Gabriel, bom dia. Tudo bem? Eu tô bem. Olha só podemos agendar um atendimento, tá? A minha consulta tá R\$350,00 (trezentos e cinquenta reais), e inclui atendimento, prescrição e um retorno após 15 dias do início do tratamento. Durante a consulta vamos ver suas queixas, seus sintomas e vamos bolar a melhor estratégia terapêutica para gente te tratar, seja com o óleo, com as flores, com extrações, enfim fico a disposição. Agora, acredito que eu tenha horário na segunda-feira Gabriel, só tenho que olhar na minha agenda direitinho, se você tiver disponibilidade a gente pode agendar. Até o final do dia te passo o horário.

Eu: Entendi, perfeito. Gostaria sim de agendar então uma consulta.

Frank: Fala Gabriel, desculpe a demora só estou com tempo agora, deixa eu te falar, 11 horas eu tenho livre, se você tiver disponibilidade a gente agenda já.

Eu: Consigo sim esse horário. A consulta será virtualmente mesmo?

Frank: Isso meu amigo, se você tivesse no Rio de Janeiro a gente consegue fazer um atendimento presencial tá? mas seu DDD, você deve ser do nordeste correto? Aí a gente faz por telemedicina sem nenhum prejuízo para você, você vai fazer um atendimento humanizado, consegue emitir receita, do mesmo jeito que seria presencial.

Eu: Moro no RJ atualmente, mas sou do nordeste sim. Por conta de outras demandas no dia da consulta, o atendimento virtual seria melhor para mim.

Frank: Perfeito meu amigo, se você tá no Rio consigo te atender até na sede da ABRABA, porém cara eu vou viajar essa última semana e viajo na terça, retornando somente na próxima semana, então teríamos que adiar essa consulta nossa.*/ “Então tranquilo, estou te encaixando aqui na agenda, e a gente conversa online por telemedicina nesse primeiro, e na revisão a gente ajusta direitinho para eu te atender lá na sede da associação, sempre gostei muito de atender o pessoal direto lá, tenho boas histórias e bons resultados. Abraço, até a consulta.

No dia da consulta, Frank me encaminhou o link de acesso à sala virtual da plataforma Google Meet e começamos a consulta. Nos apresentamos, ele perguntou o motivo da consulta, descrevi meu caso pessoal e conversamos durante pouco mais de 40 minutos, ele me falando sobre “sistema endocanabinóide”, “utilização de óleos ricos em CBD para auxiliar nos problemas de insônia”, “cuidado com o consumo de THC nos momentos de muito ansiedade”.

Ele perguntou se “eu fazia o uso inalado, fumado, da planta?”, respondi que “sim”, e falei “que algumas vezes quando não estava com maconha recorria ao cigarro/tabaco” ele perguntou sobre a “frequência de uso”, respondi “entre 2 e 5 baseados por dia”, ele me diz para “ir tentando reduzir o uso fumado do prensado gradualmente, à medida que for encontrando a dosagem correta do óleo receitado”, perguntou sobre “uso de alguma medicação anterior”, respondo que “sim, zolpidem e escitalopram, mas já não utilizava mais”, me falou então que “iria prescrever algumas flores disponíveis para importação” e os “óleos ricos em CBD da associação ABRABA”, e que “quando iniciar o consumo do óleo, entre em contato para marcarmos o retorno para ver se será necessário o ajuste da dose ou do óleo”.

Em seguida, pediu para encaminhar os meus dados pessoais para escrever a receita médica e laudo médico, informando que enviaria as documentações e contatos necessários por mensagem e encerramos a chamada.

Por mensagem ele me encaminha um áudio da “representante da ImportFlor” dizendo “Dr. Frank comprando ainda hoje se mandar o pedido ainda hoje é o valor antigo tá? até o

final da noite. A partir de amanhã já é esse novo aí”, e uma imagem com a logo da empresa e a seguinte mensagem escrita:

“Prezados (a) parceiros (as) informamos que, a partir de segunda-feira (10/07), nossas flores sofrerão reajuste.

Novos Valores:

Flores de CBD (nomes das flores¹³)

- 3,5g: R\$192,50 | -7g: R\$ 350,00 | -1oz: R\$ 1.339,50

Flores de THCa (nomes das flores)

- 3.5g: R\$332,50 | -7g: R\$ 665,00

Informamos, também, que não teremos pacotes de flores de THCa no tamanho de 1oz.”

Logo após o envio do áudio e da imagem descrita acima, Dr. Frank me encaminha a seguinte mensagem: “Entende porque o povo tem que poder plantar!? Essa galera não tá nem aí para os pacientes”. Enviei “Um dia chegaremos lá”. Algumas horas depois ele me encaminha 3 documentos e 2 contatos de telefone e me explica por áudio:

“Oi Gabriel, demorou mas foi hein, tô te mandando aí a receita da ABRABA tá? junto com o atestado médico que você precisa apresentar para eles também e a receita da ImportFlor das flores, junto com as receitas estou te mandando um contato do acolhimento da ABRABA e da representante da ImportFlor tá bom? E como eu te falei cara, parece que o último dia desse valor antigo das flores é hoje, então se você quiser comprar hoje fica à vontade, caso contrário quiser guardar também fica à vontade tá? qualquer dúvida pode me chamar aqui na sequência daqui a pouquinho eu te mando meu pix, obrigado ai e me fala quando começar o tratamento”

Assim que recebi as documentações e os contatos mandei mensagem para a representante da empresa ImportFlor e da associação ABRABA para realizar a aquisição dos produtos indicados pelo Dr. Frank. Primeiro contato com a representante da empresa ImportFlor:

Eu: Olá, tudo bem? estou entrando em contato pois peguei seu contato com Dr. Frank, seria sobre a compra das flores da ImportFlor.

IF: Olá, boa tarde!! Com quem eu falo? Ah sim. Você está de posse da receita? Quais seriam os produtos?

Eu: Me chamo Gabriel. Estou sim (encaminho arquivo da receita com os produtos).

IF: Prazer Gabriel, sou Fulana aqui da assessoria e somos representantes da ImportFlor aqui no Brasil!!

¹³ Em substituição ao nome das genéticas vendidas para não ser possível a identificação da empresa.

Eu: Quais seriam as documentações necessárias para realizar o pedido, formas de pagamento e essas coisas?

IF: Olha, vou precisar adiantar aqui seu cadastro para isso vou precisar que você preencha as seguintes documentações e me envie assinado (encaminhou link de documentos):

- Procuração específica para preenchimento do cadastro no portal do governo federal (ANVISA) para a solicitação de importação excepcional de produtos a base de canabidiol.
- Termo de consentimento para tratamento de dados pessoais (LGPD)
- Foto ou arquivo da Receita médica
- Foto RG, CPF e comprovante de residência.

“os produtos chegam entre 15 a 20 dias depois de efetuar o pagamento.”

Encaminhei as documentações solicitadas assinadas, ela me perguntou quais produtos eu iria querer daqueles que me foram prescritos pelo médico e me encaminha arquivo em PDF intitulado “catálogo de produtos”, onde ela me informou que tinha a descrição e especificações dos produtos prescritos, na minha receita constavam apenas três tipos de “CBD Flowers” e dois tipos de “THCa Flower”. Fiz o meu pedido de dois tipos de “CBD Flowers” que tinham a seguinte descrição na parte do catálogo denominada “Nossas genéticas”:

Flor de CBD 1 - “Possui um cheiro pungente de diesel e um efeito de foco revigorante. Essa cepa é especificamente curada em barris de uísque, ajudando a realçar sua força natural, presença de terpeno e dando-lhe um forte aroma de carvalho.”

Flor de CBD 2 - “É uma variedade criada por suas qualidades calmantes. Esta flor ajuda a relaxar durante o dia e a obter uma noite de descanso tranquila.”

Uma página antes da descrição das genéticas, o catálogo possuía a apresentação da empresa onde se lia:

“A história da ImportFlor começa em nossa fazenda familiar, situada no coração dos EUA¹⁴, uma área conhecida por seu solo incrivelmente fértil que o tornou a casa de muitos vinhos premiados. A escassez de flores de *hemp* de primeira linha em um mercado dominado por concorrentes que cortam custos na qualidade nos levou a criar a ImportFlor, uma marca artesanal de flores que se concentra no sabor e nos benefícios para a saúde.

¹⁴ Lugares, nomes de pessoas e empresas foram intencionalmente alterados, a fim de evitar a identificação.

Os produtos ImportFlor são cultivados apenas com sol, água e o solo rico em nutrientes do LUGAR, pois, nós da ImportFlor, acreditamos que a natureza sabe melhor.”

Ainda no início do catálogo uma das páginas descrevem a "origem exclusiva da fazenda ImportFlor", com relação a seus produtos "Flores", "Joints" e "Blunts" e informam:

"As flores que dão origem aos produtos IF contém traços de THC em concentrações máximas de 0,3% seguindo a legislação dos EUA. As flores são de hemp orgânicas, sem pesticidas ou qualquer origem de agrotóxicos. As flores são cuidadosamente curadas e contém raros terpenos, não encontrados em outras cepas de CBD.

Os canabinóides se apresentam na forma ácida, confirmando a forma de secagem em baixas temperaturas.

Por que usar? É de rápida absorção e ação; Ajuda a atenuar os efeitos dos sintomas de abstinência; Não tem misturas - é somente a flor: sem tabaco; Botões de grau A: separados a mão.

Modos de uso e absorção: Inalada ou fumada (flores e cigarros); Por vaporização (flores) e Por infusão (flores).

Nota: A absorção ocorre via troca gasosa entre alvéolos pulmonares e a corrente sanguínea. Possui um efeito rápido muito bom para "resgate" em crises de ansiedade, depressão e abstinência.”

Após a descrição das 5 genéticas, as páginas seguintes do catálogo apresentam os demais produtos, entre eles opções de “CBD Joints”, que seriam cigarro pré enrolados contendo 1g de flor, um deles misturado a lavanda, custando R\$49,50; opções de "Blunts", que são cigarros enrolados com a folha de cânhamo contendo 2,5g de flor, e 450 mg de extrato de Delta-8 THC ou HHC, com preços entre R\$99,00 e R\$110,00; além de algumas opções de "goma/gummies" contendo Delta-9 THC, Delta-8 THC ou HHC com preço de R\$137,50¹⁵.

Fiz meu pedido somente pelos dois tipos de “CBD Flowers”, cada embalagem pesava 7g e a unidade custou R\$350,00, mais o frete no valor de R\$120,00 (compras acima de dois mil reais o frete era grátis), totalizando minha compra em R\$820,00. “boa noite Gabriel, segue o link de pagamento, confere se está tudo certinho? Confirmado o pagamento, em 2 dias você receberá o código de rastreio por e-mail, qualquer dúvida só me chamar!”.

¹⁵ Em nota o catálogo descreve algumas das substâncias utilizadas nos produtos: “Delta-8 THC - é um canabinóide encontrado na cannabis. É um isômero estrutural do delta-9-tetrahydrocannabinol, o principal componente psicoativo da cannabis. Delta-9 THC - é um componente psicoativo da cannabis. Com maior afinidade aos receptores canabinóides localizados no cérebro, em relação ao Delta-8; HHC - O hexahidrocanabinol é tão potente quanto o Delta-9. THCa - O ácido tetrahydrocannabinólico é a forma ácida do delta-9-tetrahydrocannabinol que, quando exposto ao calor, descarboxila prontamente em THC. O THCa, em sua forma natural, não possui atividade psicomimética.

No processo de associação junto a ABRABA para obtenção do óleo encaminhei mensagem para o setor de acolhimento por aplicativo de mensagem, me apresentei e informei que havia realizado consulta com Dr. Frank, questionando quais seriam os procedimentos para se associar e obter o acesso ao óleo. Me foi respondido que: “os óleos prescritos de CBD possui o valor de R\$220,00 cada frasco com 30ml. Estando com a receita conforme nossa produção (concentração) e laudo, podemos realizar o seu cadastro pelo site da associação e dar início ao tratamento. Ao realizar o cadastro será gerado o valor da anuidade (R\$350,00) que poderá ser pago por boleto, pix ou cartão em 5 vezes. Em seguida, já conseguimos realizar seu pedido, que tem o prazo de 15 dias úteis para ser entregue ou feita a retirada na sede”. Preenchi os dados no site da associação, paguei a anuidade e realizei a compra de um unidade do óleo de CBD prescrito.

Ou seja, somente para iniciar o tratamento com os derivados da maconha medicinal tive uma despesa de R\$ 1.740,00, referente à consulta médica, compra de dois potes de 7g de “CBD Flowers”, taxa de associação e um frasco de 30 ml de óleo de CBD. Realizei a efetivação do pagamento e em 20 dias corridos já tinha retirado o óleo na sede da associação e recebido em casa os dois potes das “CBD Flowers” prescritas. As flores prescritas duraram 2 meses, realizando o uso inalado e vaporizado em situações pontuais, e renderam pouco mais de 24 porções entre 0,5g e 0,7g, e o frasco de óleo de CBD durou aproximadamente um mês, com a dosagem de 1ml por dia antes de dormir.

Com as documentações coletadas nesse processo de consultas realizei cadastro e obtive autorização excepcional para importação de produto derivado de Cannabis para fins medicinais junto a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, com válida por 2 anos, atendendo os requisitos da Resolução RDC nº 660, de 30 de março de 2022.

Depois que fiz o “passo-a-passo” para me tornar um paciente de maconha medicinal, com prescrição médica, laudo médico, cadastro de importação na ANVISA, consegui realizar a compra de meu produto, chegando a receber em casa dois frascos com “flores de CBD” com 7 gramas cada.

Em 19 de julho de 2023, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária publicou a Nota Técnica (NT) 35/2023 que suspendeu a importação das flores e de qualquer parte da Cannabis *in natura*, bem como flores e partes da planta, utilizando como justificativa que a regulamentação atual dos produtos de Cannabis no Brasil "não inclui a permissão de uso de partes da planta, mesmo após o processo de estabilização e secagem ou mesmo nas formas

rasuradas, trituradas ou pulverizadas"¹⁶. Em publicação realizada no site do Gov.Br a Agência informa que a Nota “considerou o alto grau de risco de desvio para fins ilícitos e a vigência dos tratados internacionais de controle de drogas dos quais o Brasil é signatário.”

Segundo a Nota Técnica: “haverá um período de transição de 60 dias para conclusão das importações que já estiverem em curso. Quanto às autorizações já emitidas para importação de Cannabis in natura, partes da planta e flores, o prazo de validade será até o dia 20 de setembro deste ano (2023)”.

Consegui realizar somente uma importação das flores, logo depois a nota técnica foi publicada e não tive mais a possibilidade de continuar o tratamento com o uso inalado/vaporizado. Em nova consulta realizada, por sugestão do médico foi adicionado um outro óleo com concentração maior de THC, também produzido pela associação do Rio de Janeiro, em substituição às flores que não seriam mais possíveis de serem importadas.

Continuei o tratamento com os dois óleos por mais 4 meses, realizando o pedido e o pagamento do óleo através da plataforma digital da associação. Entretanto, por outras questões, incluindo a financeira, por não conseguir arcar com o gasto mensal dos R\$440,00 referentes à aquisição dos dois óleos, voltei a fumar prensado.

3. Considerações finais

Finalizando esse escrito, muitas outras questões me vieram ao longo desse processo de pesquisa, com um maior enfoque nas descrições das diferenças e similaridades entre as práticas de cultivo, comércio e as demandas políticas de jardineiros, cultivadores ou *growers* no processo de circulação da maconha nos estados do Rio de Janeiro e Sergipe.

A pesquisa ainda está em andamento, com entrevistas ainda sendo realizadas, e esse escrito compõe parte do texto de dissertação que pretendo apresentar até o primeiro semestre de 2025. As descrições aqui apresentadas fazem parte das primeiras experiências de trabalho de campo, com realização de entrevistas e observação participante em eventos e redes de pessoas que pensam sobre as políticas públicas envolvendo a planta.

A partir dos contatos que fui estabelecendo outras questões foram sendo trazidas pelos interlocutores trazem indagações sobre políticas direcionadas aos cultivadores em disputas envolvendo a regulamentação do cultivo no país; formas de organização das demandas da categoria de jardineiros no mercado legal e ilegal (cooperativas, sindicato, associações,

¹⁶ Informação disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2023/importacao-de-cannabis-in-natura-e-partes-da-planta-nao-sera-permitida>. Acesso em 15 de jan. 2024.

clubes ou outro); desigualdade no acesso à maconha (legal ou ilegal); entre outras questões que atravessam o cenário da política de drogas nacional.

Um dos fatos que atravessa as histórias dos cultivadores é a violência policial e a forte presença da criminalização envolvendo a Lei de Drogas daqueles que são usuários, daqueles que comercializam e daqueles que cultivam a maconha. São vários os fatores, jurídicos ou não, que auxiliam no processo de taxação de quem é quem nesse cenário de guerra, em uma dinâmica de segurança pública e controle social operacionalizados para um confronto (“às drogas”), e que se reflete em fenômenos como o encarceramento em massa, o racismo estrutural, a corrupção, a desigualdade estrutural e outras variáveis que complexificam o trabalho de pesquisa, tendo em vista os diferentes contextos entre os atores, lugares, redes e relações do grupo pesquisado.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Marcílio Os ciclos de atenção à maconha e a emergência de um “problema público” no Brasil. In: MACRAE, E.; ALVES, W. C. Fumo de Angola: cannabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 103-132.

BRANDÃO, Marcílio. Dito, feito e percebido: controvérsias, performances e mudanças na arena da maconha. Tese (Doutorado em Sociologia). Recife: UFPE e EHESS, 2017.

BRANDAO, Marcilio; FRAGA, Paulo; RODRIGUES, Luzania Barreto. A justiça e a terapêutica: Significados atribuídos por médicos psiquiatras e por juizes de direito à legislação relativa à maconha. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/dilemas.v17.n.1.56189>. Acesso em: 8 jul. 2024.

FRAGA, Paulo; ROSA, Lilian; REZENDE, Daniela (orgs.). De maconha à cannabis: entre política, história e moralidades. Juiz de Fora: Editora UFJF/Aldeia, 2023.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. Plantios ilícitos no Brasil: notas sobre a violência e o cultivo de cannabis no polígono da maconha. Cadernos de Ciências Humanas-Especiaria, v. 9, n. 15, p. 95-118, 2006.

GRILLO, Carolina C. Fazendo um doze na pista: um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Gabriel B. “Quantos ainda vão morrer eu não sei”: o regime do arbítrio, curtição vida e morte em um lugar chamado de favela. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil, 2019.

SANTOS, Claudefraklin (org.). Uma cidade em pé de guerra: Saramandaia x Bole-bole. MODESTO, Alailson; MONTEIRO, Patricia; SANTOS, Raylane. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda., 2008.

MEDEIROS, Flavia. A necropolítica da “guerra: tecnologias de governo, “homicídios” e “tráfico de drogas” na região metropolitana do Rio de Janeiro. *Abya-yala: Revista sobre Acesso à Justiça e Direitos nas Américas*, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 91–114, 2017. DOI: 10.26512/abyayala.v1i3.7119. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/abya/article/view/7119>. Acesso em: 5 jul. 2024.

MOTTA, Yuri . O paciente dedo verde: uma etnografia sobre o cultivo e consumo de cannabis para fins terapêuticos na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

POLICARPO, Frederico; MARTINS, Luana. Dignidade, doença e remédio: Uma análise da construção médico-jurídica da maconha medicinal. *ANTROPOLÍTICA: REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ANTROPOLOGIA*, v. 1, p. 143-166, 2019.

POLICARPO, Frederico; VERÍSSIMO, Marcos; FIGUEIREDO, Emílio. A “fumaça do bom direito”: demandas pelo acesso legal à maconha na cidade do Rio de Janeiro. *VI_n.1. Revista da Plataforma Brasileira de Políticas de Drogas*. Setembro, 2017.

POLICARPO, Frederico. O consumo de drogas e seus controles: uma perspectiva comparada entre as cidades do Rio de Janeiro, Brasil, e de San Francisco, EUA. 1 Ed. – Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.

KANT DE LIMA, Roberto. Por uma Antropologia do Direito no Brasil. In: *Ensaio de Antropologia e de Direito*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011, 1-38

_____, Roberto. Processos inquisitoriais de culpabilização de agentes públicos: uma perspectiva comparativa. *Revista Estudos Políticos*, v. 14, n. 27, p. 2-38, 2023.

VARGAS, E. V.. Uso de drogas: a alter-ação como evento. *Revista de Antropologia*, v. 49, n. 2, p. 581–623, jul. 2006.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar: individualismo e cultura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VERISSIMO, Marcos. Maconheiros, fumons e growers: um estudo comparativo dos usos e cultivo caseiro de canábis no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.